

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIAL

M. F. DO NASCIMENTO BRITO

Presidente

WILSON FIGUEIREDO

Vice-Presidente

MARCELO PONTES

Editor

PAULO TOTTI

Editor Executivo

REDAÇÃO

MARCELO BERABA

Editor Executivo

ORIVALDO PERIN

Secretário de Redação

SÉRGIO RÉGO MONTEIRO

Diretor

EDGAR LISBOA

Diretor Agência JB

Olhos nos Olhos

JORNAL DO BRASIL

30 NOV 1996

O presidente da República não emitiu opinião pessoal quando fez reparos ao comportamento dos políticos que não dizem o que pensam. Vocalizou o que a maioria dos brasileiros sente e diz, embora sem resultado prático. A parlamentares não agrada a sinceridade dos cidadãos. Evitam olhar a verdade nos olhos.

Fernando Henrique podia ter sido mais contundente denunciando como deslealdade o bifrontismo no trato do interesse nacional. Manteve a elegância pedindo mais sinceridade à representação política.

A duplicidade política não pode ser aceita como moeda de troca, nas relações entre o Executivo e o Congresso: a ética não admite, no trato do interesse público, palavras em desacordo com os atos. Na vida pública, os atos são obrigados a honrar as palavras.

Os políticos brasileiros “não são capazes de se sentar à mesa para negociar o que é melhor para o país”. Ficou implícito que os políticos dão prioridade ao melhor para eles. Os cidadãos extraem das observações presidenciais conclusões das quais há muito já estão convencidos.

O conceito do que pode ser o melhor para o Brasil comporta divergência mas implica lealdade na procura da solução que

concilie argumentos discordantes. Fernando Henrique preferiu pedir sinceridade aos políticos, mas a opinião pública julga com mais severidade o hábito que os parlamentares têm de não dizer claramente o que pensam e de esconder o essencial. A matriz das grandes traições aos padrões éticos de comportamento é a duplicidade com que se decidem assuntos do mais alto interesse nacional.

Na repercussão será inevitável que, em lugar de responder adequadamente, com fatos comprovados, os que se sentirem alcançados pelas observações presidenciais discordem por terem sido feitas em outro país.

A incapacidade de justificar a ambivalência política exibirá o falso pudor como se a indignação fingida fosse sincera. Será, aliás, a contraprova do comportamento denunciado: palavras utilizadas para camuflar o que realmente os políticos pensam ou para disfarçar interesses menores, personalizáveis.

A urna não merece ser utilizada como esconderijo de duplicidade política. Fernando Henrique vocalizou o que os brasileiros sentem, mas os parlamentares se fingem de surdos para não ouvir. Como se sabe, o pior surdo é o que não quer ouvir.